

1 Cenas em formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos

Viviane Maximino

Flávia Liberman

SEGUNDA-FEIRA, 8H30. ENTRAMOS NA classe e as alunas estão espalhadas. Algumas conversam, outras mexem no celular, estudam biologia, dormem nas carteiras. Iniciamos. Quem iria apresentar a entrevista hoje? O grupo preparou a dinâmica? Dispersão. Algumas respondem que não conseguiram por esse ou aquele motivo. Sinto-me cansada já no primeiro dia de retorno das minhas breves férias. Comentamos que faz três semanas que não nos encontramos para a aula. Como retomar o grupo?

Iniciamos fazendo a roda. Flávia e eu observamos que algumas já se movimentam para ajudar na artimação, as mesmas que costumam participar mais. A maioria ainda está bem dispersa. Esperamos em silêncio e, aos poucos, elas vão parando de falar. Apontamos a dispersão e um desafio: "Vocês são as coordenadoras deste grupo. Há uma tarefa - estudar sobre grupos -, observem, sintam. Como vocês estão? O que fariam como coordenadoras agora? Em que estariam pensando?" Silêncio. As professoras começam: "Ai, que affligão, o que é que eu faço agora? Ah, melhor deixar assim, que preguiça! Acho que vou pegar aquela aula que já tenho programada e pronto, mesmo sabendo que elas não vão escutar nada."

Ideias vão surgindo: "Vamos fazer uma dinâmica, uma brincadeira". Comentários: "Estou muito cansada", "Tivemos prova", "... eu gostaria de uma massagem nos pés", "Preciso aterrar", "... acho que seria bom saber mais sobre cada uma está para saber o que propor".

Recolhemos esta última ideia - uma palavra de cada uma sobre como está aqui e agora. Começam com a expressão "Eu

preciso" ... *de ânimo, de descanso, de diversão, de concentração.* Inventamos o "Jogo do Eu Preciso", uma primeira atividade grupal que foi criada a partir do movimento provocado pela coordenação, que percebe o estado do grupo.

A atenção e a sensibilidade, acrescidas da história e do contexto do grupo - nesse caso, alunas de terapia ocupacional com as quais já trabalhamos há algum tempo, encontro às segundas de manhã, intervalo de três semanas, época de provas etc. -, indicam-nos um caminho que tem como pressuposto a ideia de que o aprender se constrói ativamente com base no pensamento e no afeto que devem ser produzidos em conjunto. Aprender a ser terapeuta ocupacional e a coordenar grupos por meio da vivência de atividades em grupo que provoquem esse aprendizado.

A partir disso, continuamos pensando alto: o que poderíamos propor que tivesse o efeito de reaproximar o grupo de si mesmo e da aula? Que desse mais ânimo, que divertisse, descansasse, aterrassse? O que poderíamos propor para que as pessoas pudessem organizar uma presença aqui e agora para aprender?

Talvez o primeiro passo para qualquer trabalho com grupos seja criar ou ampliar as possibilidades de estar, mesmo sabendo que o estado de presença é dinâmico, metaestável, um desafio para o coordenador, para a proposta e para os participantes. No trabalho com grupos, uma das habilidades do coordenador está na possibilidade de estabelecer relações com cada um dos participantes e de espalhá-las ou expandi-las para os outros participantes e para a própria instituição.¹ A relação entre cada um dos membros de um grupo muitas vezes se inicia com o terapeuta coordenador para apenas depois tornar-se relação horizontal, entre os participantes. Mas no nosso caso nós, as professoras, é que somos um pouco es-

1. O termo "instituição" aqui está sendo usado no sentido de conjunto de relações que estruturam determinados modos de operar, expectativas e respostas. As relações institucionais também incidem sobre a forma de presença nos grupos, atravessando-os (Saldon, O. et al., *Práticas grupais*, Rio de Janeiro, Campos, 1983)

trangeiras. Algumas alunas estudam juntas, já se conhecem, já esta-
beleceram subgrupos, cristalizaram alguns papéis. Inclusive com a
tarefa de estudar e aprender: geralmente passiva, receptiva.

Mas, como já trabalhamos com essa classe há mais de um ano,
elas estão habituadas com nossa metodologia. Vamos pensando
alto, desvendando nosso próprio raciocínio de terapeutas ocupa-
cionais. Alguém propõe que façamos a brincadeira Adoleta.
Fazemos uma rápida análise da atividade com a classe: "Há um
contato corporal, um ritmo, uma música, vamos ficar de pé, em
roda. Experimentamos?" A aluna coordena explicando a brinca-
deira, pois a professora diz que não a conhece. O treino de coor-
denar envolve também aprender a ensinar, colocar-se, desenvolver
certa postura, organizar uma presença, um tom de voz, um olhar
para o grupo. Brincamos. Quem erra sai.

Provocamos uma nova ideia, uma brincadeira de ritmo com
as mãos. Outra aluna explica, mas diz que por o grupo ser muito
grande talvez não funcione. As outras dão palpites, agora já estão
circulando, falando. "Vamos dividir a sala. Tem de sentar no
chão. Eu não quero, estou com roupa de viagem. Então não vai
dar para fazer... na carteira não vai funcionar..." Colocamos que a
coordenadora tem alguns problemas para resolver. Adaptar a
atividade, explicar por que ela deve ser feita dessa ou daquela
maneira, conseguir falar com o grupo todo e imprimir um ritmo.
Outras habilidades do coordenador de grupos. Nessa brincadeira
de batucada é necessário estar bem concentrado, mas quem erra
também vai saindo.

Analisamos as atividades com a classe toda de volta às carteiras,
em roda. "Como estão sentindo o corpo agora? Como está o clima
do grupo?" Comentam que os braços, as mãos e o pensamento
estão mais vivos, mais despertos. Porém, o resto do corpo está
pedindo algo. Comentam também que nessas brincadeiras as pes-
soas que iam saindo dispersavam-se de novo. Análise da atividade
grupal da única maneira possível: por meio do próprio fazer e
sentir, do imaginar essa ação em outras situações e contextos.

Como trazer o resto do corpo? Mais uma ideia: "Siga o mes-
tre" com adivinha. Muitos movimentos, todo o corpo em ação.
Todos na roda, mexendo-se e cuidando para repetir o comando
do mestre sem olhar para ele. Risos, um clima gostoso.

Eu admirava a capacidade de ensinar sendo terapeuta ocupa-
cional. Observação, registro, hipóteses, conversa, perguntas,
pensamento, proposta, análise, reinício do processo constante de
pesquisa e produção com as quais fazemos nossa clínica. E ía-
mos, Flavia e eu, anunciando para as alunas esse processo e
instigando-as nesse caminhar.

No entanto, eu estava inquieta. Pelo nosso cronograma, hoje
deveríamos ver a abordagem psicodinâmica dos grupos, mas eu
ficava me perguntando o que essa aula teria que ver com a trans-
ferência, contratransferência, conteúdos inconscientes, expres-
são, comunicação e interpretação, entre outros conceitos.

Ao longo destes anos de trabalho com grupos e docência, fo-
mos restringindo as abordagens teóricas ministradas. Lembro-
me de que no início trazíamos a história do movimento
grupalista pela visão da psicologia social, estudávamos Lewin,
Ilanos Bion e detínhamo-nos em Pichon-Rivière. Também tra-
balhávamos com Moreno e usávamos uma adaptação das ideias
de Winnicott feita por Mello Filho. Esse foi o trajeto que fizemos
e também o fez a maioria de nossas colegas terapeutas ocupacio-
nais que estudam e trabalham com esse tema. Depois vieram
outros autores: Anzieu, Kaes, Lapassade, os argentinos Saldon,
Barenblitt, Bauleo, Pavlovick E, mais recentemente, Lancetti,
Passos e Benevides.² Ainda, as autoras brasileiras: Maximino

² Esses autores construíram e constroem conceitos e teorias já muito divulgados entre os
profissionais de diversas áreas que se dedicam ao estudo e trabalho com grupos. Há muita
bibliografia a esse respeito. Barenblitt, por exemplo, organizou *Grupos: teoria e técnica*
(1982), no qual traz um histórico do movimento grupalista na América Latina, apontando
as diversas escolas. Paula Furlan, em sua tese de doutorado *Os grupos na atenção básica à
saúde: uma hermenêutica da prática clínica e da formação profissional* (2012), também cita
alguns desses autores como referência para a formação de profissionais.

(2001), Ferrari, Ballarin, Samea e Tedesco, que, com certeza, trazem uma grande contribuição às aulas.

Mas para que nos serve esse caldeirão? Uma das dificuldades de uma docente mais velha é saber de onde vem aquilo que sabemos. Temos dificuldade de compreender onde está o aluno e de ajudá-lo a percorrer os caminhos da construção desse conhecer. Mas talvez a maior dificuldade para o campo da terapia ocupacional seja ainda essa dependência das teorias estabelecidas em outros campos do saber. Não que estas não nos ajudem a pensar. São muito úteis, mas não podem ser simplesmente transplantadas para o nosso fazer. Foram forjadas em outros contextos, partem de outras premissas.

Então, voltamos a perguntar: o que essas alunas devem aprender sobre teorias, aqui, conosco, na graduação? Como trazer os autores reconhecidos do campo de maneira conectada com a vivência dos laboratórios transformada em experiência por meio da reflexão? Como transpor essa reflexão em conceito? Como falar das teorias já existentes se as alunas não encontram a maioria dos fenômenos descritos na prática que estão vivendo? E, ainda, quais são as tecnologias úteis? Como fazer teoria da técnica³ no caso dos grupos de terapia ocupacional? Como vivificar essa prática? Uma das nossas apostas está no laboratório de atividades grupais, no qual há experimentação e reflexão. Nesses exercícios do pensar, que não se restringem apenas a racionalizar, mas sim a corporificar a experiência, são utilizados diversos recursos e linguagens: leituras e estudos prévios, registros escritos para assimilar o vivido e estabelecer uma conexão entre os encontros, as produções plásticas etc. Outra aposta está na aproximação com terapias ocupacionais e suas experiências com grupos por meio de leitura, entrevistas e contato com o trabalho.

3. Para mais informações, veja Benetton, *Trilhas associativas: ampliando subsídios metodológicos à clínica da terapia ocupacional*. 3. ed. revisada. Campinas: Arte Brasil/Unisaesiano - Centro Universitário Católico Auxilium, 2006.

Seguimos. Agora pedimos às alunas que façam, em duplas, a análise das atividades que havíamos experimentado associando o que viram e sentiram sobre si e sobre o grupo nos diversos momentos. Pedimos que tragam também o que estão vivendo em outro módulo que fazem simultaneamente, denominado “Trabalho em saúde” – abordagem com grupos populacionais. Nesse módulo, os alunos dos seis cursos da área da saúde da Universidade Federal de São Paulo, *campus* Baixada Santista, vão a campo para experimentar o trabalho com grupos. Formam equipes de seis a oito alunos, misturados, supervisionados por docentes também das diversas profissões, e planejam cinco encontros. Como são muitos alunos, cerca de 300, eles são subdivididos em várias equipes. Cada equipe vai atuar em um cenário diverso, sempre alternando intervenção com supervisão.⁴

Trazer para a sala de aula a experiência concreta da prática tem sido muito rico e interessante. As duplas conversam, escrevem. Uma dupla deveria escolher algo importante da discussão, trazê-lo para o grupo e a classe; assim, a partir das reflexões coletivas, outras duplas iriam agregando suas discussões.

Fiquei pensando em outra experiência que tive no campo, na extensão: estou trabalhando com crianças de idades variadas, levei várias brincadeiras, mas elas não quiseram fazer nenhuma. Eles pediram pega-pega e quando eu (finalmente) aceitei deu certo. Todos participaram e não queriam que eu fosse embora. Eu fiquei pensando por que eles não brincavam sozinhos, por que precisavam da minha presença para brincarem juntos.

Que bela questão: qual é a função do coordenador? Para que serve? E, chegando mais perto de nosso campo, que pessoas precisam de grupos? Quem precisa de terapia ocupacional?

4. Para mais informações, veja Capozzolo, Casetto e Henz, *Clínica comum – Itinerários de uma formação em saúde* (2013).

As crianças não brincavam sozinhas, precisaram do coordenador para brincar. O terapeuta ocupacional tem como função essencial oferecer continuidade para a realização da atividade. Nesse caso, a atividade Brincar em grupo parecia exigir a presença atenta de um adulto (ou coordenador) para que as crianças pudessem usufruir dessa experiência. Talvez alguém que representasse a garantia de que as regras seriam seguidas, que pudesse intervir em caso de conflitos, que ajudasse a compor uma brincadeira criada coletivamente.

Outra aluna traz uma cena:

Comigo também aconteceu isso. O grupo estava muito agitado, era em um Creas [Centro de Referência Especializado da Assistência Social]. Subiam na mesa, se batiam, corriam pela sala. Nós não sabíamos o que fazer, tentamos várias coisas. Nada agregava, estávamos desesperados. Um deles sugeriu música. Como tínhamos programado outras dinâmicas, já nos falando: "Espere um pouco, vamos fazer isto e aquilo...". Até que sobreu tempo, eles fizeram tudo muito rápido e resolvemos brincar de música. O grupo se transformou. Ficaram focados, davam risada. A gente sentiu que estávamos junto com eles, podendo trocar e compartilhar. O menino que era o mais agitado e foi quem propôs parece que encontrou um lugar. Todos participaram.

Conversamos então sobre as diversas metodologias de trabalho: levar tudo pronto, predeterminado a partir daquilo que pensamos ser o melhor, e/ou acompanhar e ir construindo com o grupo, validando suas ideias, autorizando suas iniciativas e descobertas. Isso implica um raciocínio complexo e uma ética que acredita que o outro também tem um saber e estamos ali para fazer com e não mandar fazer. Também falamos da função do coordenador, que deve incluir os diversos participantes com suas necessidades, garantindo que todos tenham lugar. Para isso, é preciso desenvolver a capacidade de ver na demanda individual aquilo que pode ser socializado, reverberar no grupo. Esse co-

mentário deu-nos a oportunidade de falar um pouco sobre os processos identificatórios⁵ que surgem em um grupo.

E continuam: "Percebo que alguns aqui na classe falam e propõem. Parecem ter mais facilidade para coordenar. Isso já vem com a pessoa, com a sua personalidade, ou é algo que a gente pode desenvolver?" Mais uma bela questão.

Outra cena aparece: "Na minha equipe há duas pessoas que sempre trazem a dinâmica e conduzem o grupo. Quando faltaram, nós pudemos coordenar e foi muito legal".

Introduzimos a questão dos papéis, da diferença entre líder e coordenador⁶, daquilo que é um estilo e daquilo que temos de desenvolver a partir de um trabalho pessoal para nos tornar terapeutas e coordenadoras de grupo. Falamos também de como, em um grupo, os diversos membros vão delegando esses papéis e como o grupo corre o risco de se cristalizar. Nesse ponto, sem ainda citar nenhum autor, já estávamos introduzindo ideias que encontramos em Pichon-Rivière (2000) e, pelo cronograma, só veríamos duas semanas depois.

Apesar de sentir que a aula agora flui, que as alunas estão ali conosco, conectadas, não consigo superar o sentimento de que é necessário nomear os conceitos, citar as teorias e os autores. A construção do conhecimento no aqui-agora da aula não me parece tão válida quanto a exposição de uma teoria legitimada, escrita e publicada, nomeada.

5. Processo psicológico pelos quais um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e transforma-se, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (Laplanche e Pontalis, 1986, p. 295). Em um grupo ocorrem múltiplos processos identificatórios, principalmente no sentido de reconhecer-se, pois os participantes sentem/sabem que têm algo em comum. Esse processo também se relaciona à ilusão grupal, termo forjado por Anzieu (1993). A ilusão grupal é o reconhecimento do grupo como unidade quando na verdade o que existe são partes.

6. O líder é um papel que pode ser desempenhado por qualquer membro do grupo (e também por coordenadores) a partir da deposição transferencial. A coordenação é uma função pactuada pelos membros do grupo.

Aqui temos uma questão importante para nós: como construir um conhecimento que parta das nossas bases sem negligenciar o fato de que elas são compostas por inúmeras referências? Como olhar nosso fazer, seja em sala de aula ou com os sujeitos que atendemos, e refletir sobre ele produzindo teorias, modelos, métodos e técnicas? Que passagem epistemológica é essa que parte da imanência e busca certa abstração conceitual que possa ser usada como ferramenta? E como aproveitar o caldo no qual estamos imersos considerando a especificidade de um grupo que tem como organizador principal o fazer atividades?

A observação e análise dos grupos nos quais trabalhamos e a descrição detalhada que busca estabelecer sentido e inteligibilidade ao que fazemos e propomos parecem ser bons caminhos para a produção de conhecimento. Trilhar o raciocínio de terapeutas ocupacionais em seu próprio fazer pode nos indicar como essa formação incide sobre a prática e a compreensão dos processos grupais.

Outra questão é como transformar as chamadas vivências em marcas que signifiquem aprendizado. A linguagem pretendamente técnica e as teorias publicadas e repetidas à exaustão oferecem-nos a ilusão de termos aprendido algo que está além da intuição, do senso comum (Gusmão, 2012). Então, como significar esse aprendizado que se dá por meio da exploração do que se sente e pensa, da análise e das trocas que podem ampliar a compreensão? Não será esse o "pomo de ouro dos grupos"? Experimentar um espaço de fazer e pensar com os outros com tudo que isso traz? O fazer junto implica um deslocamento das nossas certezas, e a possibilidade de se abrir para outras ideias e formas de pensar e fazer gera aprendizado e, por vezes, traz sensações ambivalentes: invasão e prazer, criação e perda do controle, entre outras.

Quando a aluna propõe uma dinâmica e aos poucos vamos transformando sua ideia em outra proposta que é "do grupo", pois agrega várias ideias, os sentimentos experimentados nessa ocasião por ela podem ser desconfortáveis: ao mesmo tempo que

vive a surpresa da novidade, experimenta também a perda de sua ideia inicial, do já sabido.

Mas como conter esses sentimentos provocados pelo deslocar-se? Como favorecer nossa abertura para o novo ou para aquilo que não reconhecemos como nosso quando queremos geralmente afirmar o já sabido, o já conhecido, a recongnição?

Um coordenador de grupos, assim como um professor e um terapeuta, deve saber que todos partem sempre de referências, sejam elas sobre saúde, o que é certo ou errado, suas habilidades ou dificuldades, o que desejam e como querem ou devem fazer as atividades. Referências que foram construídas com base nas experiências de cada um.⁷ Mesmo aquele que vem para a terapia ocupacional porque (acha que) não sabe ou (vive que) não pode parte de algo, ainda que seja de uma história vivida de negação e invalidação. O aprendizado, assim como a terapia, implica transformação e não apenas acúmulo de informações. Transformação no modo de pensar, de sentir, de perceber e de se relacionar.

Insistimos para que as alunas percebam o grupo, façam a leitura dos corpos e do ambiente, incorporem sinais que não são apenas verbais. Solicitamos que expressem seus pensamentos, que se arriquem e entendam que o pensamento vai se desenvolvendo segundo essas percepções e as associações que o terapeuta vai fazendo com suas experiências e análises anteriores. A partir daí, as ações podem ser propostas pelo terapeuta, que tem uma intenção baseado naquilo que ele crê ser um bom caminho para o grupo.

A ideia que fazemos do que seja um bom caminho para o grupo servirá de nosso guia. Aqui afirmamos que um bom grupo será aquele no qual as pessoas possam sentir alguma confiança para experimentar um encontro com outros indivíduos, objetos e ideias, um espaço no qual possam ampliar a sensação de estar conectadas, acompanhadas.

7. Pichon-Rivière refere-se ao Esquema Conceitual Referencial Operatório (Ecro) individual e trabalho de construção de um Ecro grupal, tarefa dos grupos operativos.

Nova Tarefa

Volando à sala de aula, agora com o grupo mais aquecido, e colocando que nossa tarefa grupal é aprender sobre grupos, as alunas trazem uma entrevista com uma terapeuta ocupacional que oferece oficinas a trabalhadores em um Centro de Referência de Saúde do Trabalhador. Descrevem a estrutura desses grupos, seus objetivos, os critérios para indicação dos participantes e os desafios do coordenador. As entrevistadas têm a intenção de aproximar as alunas dos profissionais, dos locais de trabalho e da diversidade do campo, como oficinas, grupos educativos, grupos de atividade, grupos de terapia ocupacional, trabalho em sala de espera, intervenção em equipes de trabalho, ateliês, assembleias, entre outras configurações.

Dimensão

Do grupo clássico⁸, definido como o conjunto de pessoas articuladas por mútua representação interna que se dedicam a uma tarefa, ao agrupamento ocasional há diversas tonalidades. Cada arranjo corresponde de maneira mais ou menos apropriada a um conjunto de fatores: demandas e necessidades da população a que vamos atender, circunstâncias institucionais e escolhas metodológicas e conceituais dos terapeutas coordenadores.

Podemos dizer, por exemplo, que os grupos clássicos são interessantes quando as pessoas podem se beneficiar de um espaço estável no qual seja possível estabelecer relações vinculares fortes, tanto com os coordenadores como com os outros participantes. Nesses grupos, o sentimento de pertença é reforçado e os participantes beneficiam-se dos processos identificatórios. Podem também favorecer propostas que visam acompanhar processos mais contínuos (no tempo e no espaço) de terapia ocupacional. Também é como geralmente se organizam grupos de estudantes de um mesmo curso, uma equipe de trabalho ou, ainda, um grupo familiar. Nessa configuração encontramos fenômenos que já foram muito descritos teoricamente, tais como a distribuição e cristalização de

8. Estamos denominando grupo clássico aquele que geralmente é fechado ou semifechado e funciona como uma equipe, dedicando-se a uma tarefa grupal.

papéis, ruídos na comunicação, formação de subgrupos, criação de uma cultura grupal, resistência à tarefa etc.

O coordenador desse tipo de grupo pode se valer das diversas teorias para tentar compreender os movimentos do grupo; porém, para que a teoria possa ser uma ferramenta de trabalho, o coordenador precisa desenvolver as outras habilidades já descritas acima. A compreensão teórica do movimento do grupo não diz ao coordenador terapeuta ocupacional o que fazer, isso ele terá de inventar.

A observação dos movimentos horizontais, verticais e históricos (Maximino, 2001) contribui para que o terapeuta acompanhe os processos tanto individuais quanto grupais. A relação terapeuta-atividades-membros do grupo cria uma dinâmica própria. As propostas devem seguir o movimento das pessoas em seus processos, ao mesmo tempo, individuais e grupais, considerando que este pode ser um amplificador das possibilidades oferecidas pela realização das atividades.⁹

Em alguns casos, os sujeitos que atendemos em terapia ocupacional necessitam de um acompanhamento muito particular (e quem não precisa?). Têm dificuldades de estabelecer vínculos, organizar-se, deslocar-se. Não sabem dizer o que querem, do que gostam, o que desejam. O terapeuta, em uma atitude artesanal, deve estabelecer um corpo a corpo com cada um dos participantes, emprestando seu desejo de que o grupo se constitua. Aos poucos, os próprios participantes podem exercer essa função. É um trabalho paciente, disciplinado, que escolhe as propostas no sentido da maior conexão.

O resgate da história dos participantes e do grupo por meio de atividades, registros fotográficos e pausas para rever o trabalho, entre outras estratégias, vai criando um contorno para essa experiência. Esse grupo configura-se como mais um espaço no cotidiano e pode gerar possibilidades, criar amizades, ampliar a

9. As atividades têm um potencial de provocação e os grupos podem ser considerados amplificadores desse potencial, entre outras funções (Maximino, 2001).

capacidade inventiva e questionar estratégias, pensamentos e ações. Como está acompanhado por um terapeuta, deve ser um espaço que produza diferença. Percebemos, então, que esse tipo de grupo não reproduz um grupo social¹⁰, chamado de natural, pois nele há um terapeuta, nem pode ser considerado um laboratório para treinar habilidades de comunicação, socialização etc. Os grupos devem ajudar as pessoas a organizar e desenvolver estratégias interessantes para tocar a vida, ou, como diz Merhy em *Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea* (2009), andar a vida¹¹, apesar das dificuldades. Pode ser um lugar de respiro, de aumento de potência.

Mas os terapeutas ocupacionais estão envolvidos também em outros tipos de grupo, dispositivos grupais, coletivos, conjuntos variados de pessoas em que os participantes se encontram e fazem algo, juntos ou lado a lado. Essas propostas podem ser pontuais ou ter seguimento, como as atividades em sala de espera ou em contextos em que há grande circulação de usuários, salas abertas em enfermarias hospitalares de curta duração, atividades de educação em saúde, entre outras. Esses formatos de grupo demandam outras definições relativas tanto aos seus movimentos quanto às estratégias utilizadas pelo terapeuta ocupacional.

Nos grupos abertos, as propostas devem ser estruturadas a fim de incluir os participantes em qualquer momento da realização. O terapeuta coordenador sustenta o contorno do grupo, permanecendo, e pode utilizar a presença e os depoimentos de membros mais constantes para receber os novos participantes.

10. Nesse sentido, afasta-se da ideia de quarto termo proposta por Benetton. Essa autora indica que "o quarto termo (*um elemento acrescido à relação triádica, paciente-terapeuta-atividades, grilo nosso*) para mim é, em princípio, o termo que circula pelo que é aberto no setting da terapia ocupacional como: familiares, amigos, professores, padrões, membros da equipe terapêutica e etc. Por outro lado, o quarto termo se define por caracterizar o social" (Benetton, 2006, p. 112).

11. Merhy, E. E.; Feuerwerker, L. C. M. *Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea*. Disponível em: <<http://www.uftbr/saudecoletiva/professores/merry/capitulos-25.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2014.

Há também as oficinas, organizadas de inúmeras formas: aquelas baseadas em uma técnica de execução de atividade (bordados), em um material (argila) ou em uma ação (cozinhar), e as estruturadas como projetos, tais como o "Cantinho da beleza", ou o "Saberes e sabores", "Movimento e saúde" etc. Há oficinas com inscrição prévia e tempo de duração, em que provavelmente o grupo se constitui de maneira mais tradicional, e há aquelas abertas. Assim como nos chamados grupos de terapia ocupacional, parece-nos que o que está em jogo não é tanto o formato, a estrutura, mas sim o modo como a proposta é conduzida. Não se trata apenas de "o que se faz", mas de "como se faz".

Diante dos múltiplos arranjos possíveis, insistimos na necessidade de uma formação teórico-prática séria e focada para o trabalho com grupos e em grupo, o que exige um trabalho sobre si, no e para o encontro com o outro. Toda sistematização em torno da clínica da terapia ocupacional nos grupos deve prever a amplitude de cenários e de arranjos nos quais estes ocorrem. Isso justifica a composição múltipla deste livro.

SOBRE ESTE LIVRO

GRANDE PARTE DA NOSSA formação assenta-se sobre a possibilidade de narrar e compartilhar as diversas trajetórias profissionais em nosso campo. Com esse objetivo, convidamos colegas terapeutas ocupacionais e seus parceiros de trabalho para caminhar conosco neste projeto grupal. Nosso convite, feito pensando na competência e no afeto que reconhecemos em cada uma das autoras, foi bastante preciso: "Traga a sua experiência singular, construa narrativas que tenham por base sua prática e a reflexão suscitada por ela". Dessa maneira, afirmamos a necessidade da articulação teórico-prática, descrição-pesquisa e discussão conceitual, produzindo conhecimento.

Este projeto foi, também para nós, uma possibilidade de exercitarmos a produção coletiva. Trabalhamos a distância e com o

cuidado de mantermos um contorno, certa pertença e, principalmente, uma reverberação por meio da qual acionamos as colegas. Mensagens, diálogos com as produções, compromisso e leveza ajudaram na realização. Além disso, acreditamos que o respeito aos diversos estilos, às referências teóricas e às questões de cada autor criou esse ambiente propício à produção.

Ao priorizar o vivido, abriu-se espaço para a diversidade: cenários, populações, concepções e propostas variadas e suas questões surgiram nos capítulos que se seguem. Na organização dos capítulos, resistimos à ideia de separar blocos – por exemplo, formação, intervenção, populações, contextos, diagnósticos ou problemáticas –, pois consideramos que o grupo, como dispositivo, atravessa essas categorias, podendo mobilizar o leitor-terapeuta que queira se arriscar nesse deslocamento, iniciando a leitura em qualquer capítulo e criando seus próprios trajetos. Como guias de turismo, nós, as organizadoras, indicamos a vocês algumas sinalizações:

Como viram, neste capítulo inicial trazemos nossas reflexões acerca do tema da formação de terapeutas ocupacionais e nossas concepções atuais sobre os grupos. Com ele esperamos ter conseguido aproximar o leitor da nossa vivência cotidiana e dos caminhos do nosso pensamento. Somos complementadas pelo texto de Maria Luisa, que também trata do ensino sobre grupos e em grupos. Com longo tempo de docência e interesse pelo tema, traz questões e estratégias preciosas. As alunas indicam-nos alguns efeitos dessa formação nos textos de Tainah, Ana Carolina e Livia, que, orientadas por Viviane e Flavia, exemplificam trazendo processos de formação de terapeutas ocupacionais vistos sob ângulos diversos.

Ainda abordando a formação, temos Yara, Flavia, Viviane e Mauricio escrevendo a respeito de um Grupo de Mulheres da região noroeste de Santos, sob o olhar de estudantes universitários, e, também motivadas por este trabalho, Flavia e Viviane arriscam friccionar ideias, emoções e conceitos e tratam de acessibilidade estética associando o tema dos grupos ao da arte. A experiência de cooperação Pacto/USP e Caps Lapa, de Eliane,

Leonardo e Gisela, é outro bom exemplo da articulação temática provocada pelo tema dos grupos. Aqui, universidade/formação e serviços/trabalho são amalgamados pela abordagem em grupo e pelas propostas no campo da arte e da cultura.

Renata e Marcia apresentiam agenciamentos entre atividades e sujeitos em terapia ocupacional que, intensificados nos grupos, conduzem a experiências estéticas que potencializam a vida de pessoas. O mesmo é relatado por Elizabeth, ao resgatar seu trabalho com grupos no Caps Itapeva. Reflexão, análise e emoção compõem capítulos vivos que, temos certeza, irão afetar os leitores, fazendo vibrar também suas próprias inquietações.

Abordando as ações de saúde mental, em seu sentido amplo, Solange, Priscilla e Thais trazem o grupo de terapia ocupacional no hospital geral como base para a integralidade da saúde. Maria Inês e Cristina analisam um grupo de projetos desenvolvido em um Caps adulto sob a ótica da teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière, enquanto Sonia nos traz reflexões tendo como base sua experiência no Instituto A Casa e referências no método Terapia Ocupacional Dinâmica.

Barbara, Priscilla e Letícia compartilham a experiência com um grupo de adolescentes em um Caps que teve como um dos seus projetos a composição do próprio capítulo; e, ainda sobre o brincar, Andrea e Maria Inês contam-nos sobre grupos com crianças, principalmente sobre a experiência no Espaço Lúdico Terapêutico. Stella amplia nosso olhar com os grupos na atenção básica, contribuindo para esclarecer nosso lugar nesse tipo de trabalho, e é complementada nesse assunto por Paula, que parte do referencial dos grupos de encontro de Carl Rogers para a ampliação dessa clínica.

Assim, nesse mosaico de práticas e reflexões, esperamos que cada leitor possa encontrar referências, ideias e inspiração para continuar esta produção. Ao terminarmos, percebemos que ainda há muito que fazer: buscar, a partir da singularidade, descrever e criar formas de falar sobre nossa convivência com os grupos de atividades para poder, mediante essa sistematização, acumular

e transmitir conhecimento para terapeutas ocupacionais e outros profissionais que trabalham esse tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZIEU, D. *O grupo e o inconsciente (o imaginário grupal)*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BAREMBLITT, G. F. (org.). *Grupos: teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- BENNETTON, J. *Trilhas associativas: ampliando subsídios metodológicos à clínica da terapia ocupacional*. 3. ed. revisada. Campinas: Arte Brasil/Unisalesiano, 2006.
- CAPOZZOLO, A.; CASETTO, S.; HENZ, A. (orgs.). *Clínica comum – Itinerários de uma formação em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013.
- FERRARI, S. M. L. "Terapia ocupacional: a clínica numa instituição de saúde mental?" *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 14, n. 2, São Carlos, 2006.
- FURLAN, P. G. *Os grupos na atenção básica à saúde: uma hermenêutica da prática clínica e da formação profissional*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Unicamp, Campinas, 2012.
- GUSMÃO, L. *O fetichismo do conceito – Limites do conhecimento teórico na investigação social*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2012.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário de psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LIBERMAN, F.; SAMEA, M.; ROSA, S. D. "Laboratório de atividades expressivas na formação do terapeuta ocupacional". *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 19, n. 1, São Carlos, 2011.
- MAXIMINO, V. S. *Grupos de atividade com pacientes psicóticos*. São José dos Campos: Ed. da Univap, 2001.
- MELLO FILHO, J. *O ser e o viver*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- МЕРНУ, Е. Е.; ФЕУЕРВЕРКЕР, Л. С. М. *Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea*, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-25.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2014.
- PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SAMEA, M. "O dispositivo grupal como intervenção em reabilitação: reflexões a partir da prática em terapia ocupacional". *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 19, n. 2, 2008.